

Orquestra Gulbenkian

Muhai Tang
Li Biao

18 + 19 MAIO 2017



19 MAIO
SEXTA

18:00 — *Zona de Congressos*

Entrada Livre

Conhecer uma obra — Guia de audição

The Rite of Mountains de Guo Wenjing

por **Sérgio Azevedo**

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
MÚSICA DE CÂMARA



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS
CICLO PIANO



MECENAS
CORO GULBENKIAN



Orquestra Gulbenkian

18 MAIO
QUINTA

21:00 — Grande Auditório

19 MAIO
SEXTA

19:00 — Grande Auditório

Orquestra Gulbenkian

Muhai Tang Maestro *

Li Biao Percussão

Guo Wenjing

The Rite of Mountains

Toccata and Elegy for marimba

Trio and Quartet for one gong, Toccata for a group of gongs,

Largo-Allegretto-Largo

Recitative for drums, Moderato-Presto

INTERVALO

Ludwig van Beethoven

Sinfonia n.º 3, em Mi bemol

maior, op. 55, *Heroica*

Allegro con brio

Marcia funebre: Adagio assai

Scherzo: Allegro vivace

Finale: Allegro molto

Duração total prevista: c. 1h 45 min.

Intervalo de 20 min.

* Por motivo de força maior a maestrina Joana Carneiro é substituída por Muhai Tang

O concerto de 19 de maio é transmitido em direto pela RTP – Antena 2

Guo Wenjing

Chongqing (Sichuan), 1 de fevereiro de 1956

The Rite of Mountains

COMPOSIÇÃO: 2008-2009

ESTREIA: Pequim, 2009

DURAÇÃO: c. 33 min.



GUO WENJING © DR

Guo Wenjing é hoje um dos principais compositores chineses vivos. Os seus extraordinários dotes permitiram-lhe fazer parte do restrito grupo de apenas cem estudantes que, de um total de 17.000 candidatos, entraram em 1978 para o Conservatório Central de Música de Pequim, reaberto nesse ano. Embora nunca tenha vivido fora da China, Wenjing tornou-se internacionalmente reputado aos 27 anos com a obra *Suspended Ancient Coffins on the Cliffs in Sichuan*. Já nessa obra o compositor revela o seu estilo: uma música que funde Europa e Ásia, música tradicional chinesa (e seus instrumentos populares, como o zheng ou o erhu) e influências de, entre outros, Penderecki, Bartók, Chostakovitch e Stravinsky. Como Chostakovitch, aliás, Guo Wenjing teve de batalhar desde cedo com um regime não democrático que, ora corteja, ora (discretamente) coloca em questão.

Mas se é a Stravinsky que *The Rite of Mountains* vai buscar o título, Wenjing não “copia” *The Rite of Spring* (“A sagração da primavera”), embora existam alusões óbvias. Às curtas cenas da “Sagração”, *The Rite of Mountains* opõe uma forma “clássica” em três andamentos, caracterizados não

somente pelos tempos mas, principalmente, pelo timbre, timbre este que deriva dos instrumentos usados pelo solista, a que se juntam os instrumentos chineses tocados pelos membros da orquestra, instrumentos que dão à peça, juntamente com o uso de escalas pentatónicas, o seu sabor “exótico” tão particular. Assim, o primeiro andamento é dominado no solista pela marimba, o segundo pelos dez gongs de vários tipos, e o terceiro por vários tipos de tambores. O concerto, escrito para Li Biao, que o tornou “seu”, é uma resposta ao trágico tremor de terra que se abateu sobre a província montanhosa de Sichuan (terra natal de Wenjing) em 2008, e que tirou a vida, em particular, a milhares de crianças. O compositor revelou publicamente a sua vontade de exprimir nesta obra a compaixão que sentiu por essas crianças e a raiva pelo que lhes aconteceu, sem ignorar no entanto a esperança. Neste sentido, *The Rite of Mountains* junta-se à *Sinfonia Heroica* de Beethoven, como obra que, ao desafiar um destino trágico, lhe opõe a energia dessa esperança, sentimento que, no caso de Guo Wenjing, toma a forma de uma canção tradicional de Sichuan que se ouve a coroar o jubiloso final do concerto.

Ludwig van Beethoven

Bona, 16 (ou 17) de dezembro de 1770

Viena, 26 de março de 1827

Sinfonia n.º 3, em Mi bemol maior, op. 55, *Heroica*

COMPOSIÇÃO: 1803-04

ESTREIA: Viena, 7 de abril de 1805

DURAÇÃO: c. 50 min.



LUDWIG VAN BEETHOVEN, POR W. J. MAHLER, 1804 © DR

A 3.^a Sinfonia de Beethoven, ou *Sinfonia Heroica*, é uma das obras marcantes da História da Música Europeia. Nela, o compositor rompe pela primeira vez de forma decisiva com o estilo clássico e anuncia, se é que não inaugura, o Romantismo. Desde a expansão da forma sonata e da importância das técnicas de variação e contraponto, da consolidação do *scherzo* em lugar do já arcaico minueto, até à duração inaudita, passando pelo caráter programático da música, pela orquestração e pela audácia harmônica e rítmica, a *Heroica* é, em tudo, única.

Poucas obras musicais terão suscitado tanto entusiasmo em quem as ouviu pela primeira vez, nela reconhecendo o extraordinário avanço estético e a força revolucionária que representava. Porém, para muitos que criticaram Beethoven por “procurar ser original a todo o custo”, a sinfonia foi considerada demasiado longa e maçadora. Sabemos, no entanto, que esta era a sua obra favorita. Mas para quem escreveu realmente Beethoven a 3.^a Sinfonia? É bem conhecida a história da dedicatória original: planeada para celebrar os feitos revolucionários de Napoleão, Beethoven rasga o título “Bonaparte” ao saber que este se havia auto coroado Imperador

(transformando-se assim, nas próprias palavras do Mestre, num “comum mortal”, ávido de poder e glória), mudando também o título para o que hoje em dia conhecemos e dedicando a obra ao príncipe Lobkowitz. Começada porém nos dias logo a seguir àquele em que terminará o “Testamento de Heiligenstadt”, confissão privada do desespero de Beethoven perante a surdez que já o tomava, a 3.^a Sinfonia pode ser vista como um desafio ao destino, sendo, nesse caso, o “herói” do título ele mesmo, Beethoven. O tema do *Finale*, por exemplo, provém do bailado *As Criaturas de Prometeu*, outro herói sofredor que se sacrifica pela Humanidade, uma ideia na qual Beethoven se poderia rever, e a escolha de uma “Marcha Fúnebre” para o 2.^o andamento pode ter funcionado, talvez, como uma catarse dos pensamentos suicidas expressos no “Testamento”, pelo que tudo continua em aberto: Napoleão ou Beethoven? Talvez a melhor maneira de exorcizar a questão seja a de Arturo Toscanini que, um dia, ao referir-se ao primeiro andamento, gracejou: “Para alguns é Napoleão, para outros é Hitler, ou Mussolini. Para mim, é apenas *allegro con brio!*”.

NOTAS DE SÉRGIO AZEVEDO

Muhai Tang

Maestro



MUHAI TANG © DR

Muhai Tang nasceu em Xangai, na China. Estudou composição e direção de orquestra na Academia de Música de Xangai e na Escola Superior de Música de Munique. Posteriormente, trabalhou dois anos com o maestro Herbert von Karajan, tendo então dirigido a Orquestra Filarmónica de Berlim com grande sucesso. Foi também maestro associado no Tanglewood Music Centre, em Boston, com o maestro Seiji Ozawa. Foi Diretor Musical e Maestro Principal de várias orquestras, incluindo a Orquestra Gulbenkian (1988-2001), a Sinfónica de Queensland (Austrália), a Filarmónica Real da Flandres (Bélgica), a Orquestra de Câmara de Zurique, a Sinfónica Nacional da China, a Filarmónica de Xangai e a Filarmónica de Belgrado. Como maestro convidado, dirigiu outras importantes orquestras como a Sinfónica NDR (Hamburgo), a Filarmónica de Oslo, a Filarmónica de São Petersburgo, a Filarmónica de Dresden, a Sinfónica NHK (Tóquio), a Orquestra Verdi de Milão, a Filarmónica de Estugarda, ou a Filarmónica de Hong-Kong. Filho de um famoso realizador de cinema chinês, Muhai Tang tem

uma profunda afinidade com as artes de palco, nomeadamente a ópera e o bailado. Foi Maestro Principal da Ópera Nacional Finlandesa, para a qual dirigiu produções de *Madama Butterfly*, *Tosca*, *La rondine*, *Boris Godunov*, *As bodas de Figaro*, *La traviata*, *Turandot*, *O cavaleiro da rosa* e *A Dama de Espadas*, bem como os bailados *A sagração da primavera* e *O lago dos cisnes*. Em 2007 dirigiu a ópera *Tea*, de Tan Dun, com a Filarmónica Real de Estocolmo. Muhai Tang desloca-se frequentemente à China, onde trabalha regularmente com as principais orquestras chinesas. Em 1999 dirigiu a primeira apresentação de sempre de uma ópera de Wagner na China, *O navio fantasma*. Em 2002 foi o maestro da estreia absoluta da obra *Iris Devoiléé*, de Chen Qigang, em Paris, tendo posteriormente dirigido a mesma obra no Festival Internacional de Música de Pequim. Muhai Tang gravou para várias editoras discográficas. Em 2002, o CD preenchido com concertos para guitarra e orquestra de Christopher Rouse e Tan Dun, com a Orquestra Gulbenkian e Sharon Isbin (Teldec), recebeu um prémio *Echo Klassik* e um prémio *Grammy*.

Li Biao

Percussão



LI BIAO © DR

Li Biao nasceu em Nanquim, na China. Estudou percussão no Conservatório Central de Música de Pequim, no Conservatório Tchaikovsky de Moscovo e no Conservatório de Munique. Foi premiado em vários concursos internacionais, tendo vencido o Concurso de Percussão de Debrecen, na Hungria, em 1993. Iniciou então uma frutuosa colaboração com as principais orquestras chinesas e com muitas orquestras europeias, incluindo a Sinfónica da Rádio da Baviera, a Sinfónica de Bamberg, a Orquestra da Ópera de Verona, a Filarmónica Checa, a Orquestra Nacional de Lyon, a Orquestra de Câmara Franz Liszt, a Sinfónica da Rádio Polaca, ou a Sinfónica Nacional da Bulgária, sob a direção de maestros de renome como Mstislav Rostropovich, Christoph Eschenbach, Lawrence Foster, ou Jonathan Nott, entre outros.

Li Biao é um dos principais percussionistas da atualidade, abordando um repertório vasto e diversificado. Atuou nas principais salas de concertos e festivais em mais de setenta países, apresentando-se também regularmente com o Li Biao Percussion Group. Em 2008, o Li

Biao Percussion Group atuou na cerimónia de encerramento dos Jogos Olímpicos de Pequim. Em 2010, Li Biao foi convidado a assumir as funções de Diretor Musical do Festival Internacional de Música Mercedes-Benz e do Festival Internacional de Percussão do China National Centre. Em 2012 colaborou com a Filarmónica de Londres no âmbito dos Jogos Olímpicos de Londres.

Desde 2011, Li Biao desenvolve também, em paralelo, uma carreira como maestro, tendo tido como mentores os maestros Christoph Eschenbach e Lawrence Foster. Em 2012 foi nomeado artista em residência e Maestro Convidado Principal da Orquestra Sinfónica de Pequim. Dirigiu mais de vinte orquestras na Europa, tendo em 2013 sido convidado a dirigir a Orquestra Filarmónica Arturo Toscanini no concerto de abertura do Festival Verdi, por ocasião do 200.º aniversário do nascimento do compositor italiano. Em 2014 foi nomeado Diretor Musical e Maestro Principal da Orquestra do Teatro Nacional de Ópera e Dança da China.

Orquestra Gulbenkian



ORQUESTRA GULBENKIAN © GULBENKIAN MÚSICA – MÁRCIA LESSA

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Na temporada 2012-2013, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) celebrou 50 anos de atividade, período ao longo do qual foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de sessenta instrumentistas que pode ser pontualmente expandido de acordo com as exigências dos programas executados. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian a abordagem interpretativa de um amplo repertório, desde o Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas tradicionais, nomeadamente a produção orquestral de Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Mendelssohn ou Schumann podem ser dadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora

interior. Em cada temporada, a orquestra realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório Gulbenkian, em Lisboa, em cujo âmbito tem tido ocasião de colaborar com alguns dos maiores nomes do mundo da música (maestros e solistas). Atuando igualmente em diversas localidades do país, tem cumprido desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, por sua vez, a Orquestra Gulbenkian tem vindo a ampliar gradualmente a sua atividade, tendo até agora efetuado digressões na Europa, Ásia, África e Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrix, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida desde muito cedo com diversos prémios internacionais de grande prestígio. Susanna Mälkki é a Maestrina Convidada Principal e Joana Carneiro e Pedro Neves os Maestros Convidados. Claudio Scimone, titular entre 1979 e 1986, é Maestro Honorário, e Lawrence Foster, titular entre 2002 e 2013, foi nomeado Maestro Emérito.

Orquestra Gulbenkian

Susanna Mälkki Maestrina Convidada Principal

Joana Carneiro Maestrina Convidada

Pedro Neves Maestro Convidado

Lawrence Foster Maestro Emérito

Claudio Scimone Maestro Honorário

PRIMEIROS VIOLINOS

Maaria Leino *Concertino Principal**

Josefine Dalsgaard

*1º Concertino Auxiliar**

Bin Chao *1º Concertino Auxiliar*

António José Miranda

António Veiga Lopes

Pedro Pacheco

Alla Javoronkova

David Wahnnon

Ana Beatriz Manzanilla

Elena Ryabova

Maria Balbi

Otto Pereira

Tomás Costa*

Manuel Abecassis*

SEGUNDOS VIOLINOS

Alexandra Mendes *1º Solista*

Jordi Rodriguez *1º Solista*

Cecília Branco *2º Solista*

Maria Leonor Moreira

Stephanie Abson

Jorge Teixeira

Tera Shimizu

Stefan Schreiber

Maria José Laginha

Catarina Silva Bastos*

Félix Duarte*

Miguel Simões*

João Castro*

Catarina Barreiros*

VIOLAS

Samuel Barsegian *1º Solista*

Lu Zheng *1º Solista*

Isabel Pimentel *2º Solista*

André Cameron

Patrick Eisinger

Leonor Braga Santos

Christopher Hooley

Maia Kouznetsova

Augusta Romaskeviciute*

Nuno Soares*

Catarina Silva*

Antico Chiara*

VIOLONCELOS

Varoujan Bartikian *1º Solista*

Marco Pereira *1º Solista*

Martin Henneken *2º Solista*

Levon Mouradian

Jeremy Lake

Raquel Reis

Jaime Polo*

João Valpaços*

Pedro Afonso Silva*

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo *1º Solista*

Manuel Rêgo *1º Solista*

Maja Plüddemann *2º Solista*

Marine Triolet

Romeu Santos*

Vanessa Lima*

FLAUTAS

Sophie Perrier *1º Solista*

Cristina Ánchel *1º Solista Auxiliar*

Amália Tortajada *2º Solista*

Sofia Cosme *2º Solista**

OBOÉS

Pedro Ribeiro *1º Solista*

Nelson Alves *1º Solista Auxiliar*

Alice Caplow-Sparks *2º Solista*

Corne inglês

CLARINETES

Esther Georgie *1º Solista*

Iva Barbosa *1º Solista Auxiliar*

José María Mosqueda *2º Solista*

Clarinete baixo

FAGOTES

Ricardo Ramos *1º Solista*

Vera Dias *1º Solista Auxiliar*

TROMPAS

Gabriele Amarù *1º Solista*

Kenneth Best *1º Solista*

Eric Murphy *2º Solista*

Darcy Edmundson-Andrade *2º Solista*

Adrián Lavía *2º Solista**

TROMPETES

Stephen Mason *2º Solista*

Paulo Carmo *1º Solista Auxiliar**

David Burt *2º Solista*

TROMBONES

Emanuel Rocha *1º Solista**

Rui Fernandes *2º Solista*

Pedro Canhoto *2º Solista*

TUBA

Amilcar Gameiro *1º Solista*

TIMBALES

Rui Sul Gomes *1º Solista**

PERCUSSÃO

Abel Cardoso *2º Solista*

José Vitorino *2º Solista**

Rodrigo Azevedo *2º Solista**

Faustino Pinto *2º Solista**

José Afonso Sousa *2º Solista**

HARPA

Coral Tinoco Rodriguez *1º Solista**

* instrumentista convidado

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins

Marta Andrade

Inês Rosário

Leonor Azêdo

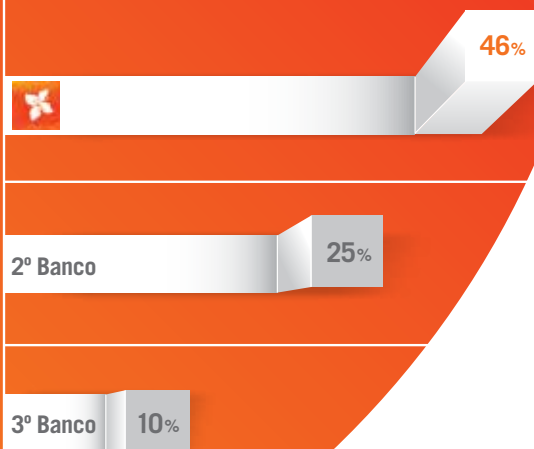
BANCO DE CONFIANÇA.



BPI é Marca de Confiança na Banca pelo 3º ano consecutivo.

O BPI foi reconhecido como a marca bancária de maior confiança em Portugal, de acordo com o estudo Marcas de Confiança que as Selecções do Reader's Digest organizam há 16 anos em 10 países. O nível de confiança do BPI subiu de 39% para 46%, registando o melhor resultado alguma vez alcançado em todo o sistema financeiro português desde o lançamento do estudo em 2001. O BPI agradece este voto de confiança e tudo fará para continuar a merecê-lo.

Este prémio é da exclusiva responsabilidade da entidade que o atribuiu.



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alteração sem aviso prévio.

DIREÇÃO CRIATIVA
Ian Anderson

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE
The Designers Republic

DESIGN GRÁFICO
AH-HA

TIRAGEM
700 exemplares

PREÇO
2€

Lisboa, Maio 2017

FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

GULBENKIAN.PT